



Arquivo enviado em
01/10/2018
e aprovado em
15/11/2018

V. 9 - N. 17 - 2019

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor do Centro Universitário Católica de Santa Catarina. Contato: fabriziocatenassi@gmail.com.

** Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Contato: ildo.perondi@pucpr.br.

Bíblia e ciências da linguagem: recursos literários e cenas-tipo no Evangelho de Lucas

Bible and language sciences: literary resources and type-scenes in the Gospel of Luke

*Fabrizio Zandonadi Catenassi**

*Ildo Perondi***

Resumo

O foco historicamente dado ao criticismo textual e à análise histórica aplicados à Bíblia eclipsou uma abordagem sincrônica ao texto, que tem sido resgatada ao longo das últimas décadas, especialmente no diálogo entre a Bíblia e as ciências da linguagem. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve revisão bibliográfica sobre alguns princípios metodológicos da análise narrativa, bem como sua utilização na exegese bíblica brasileira. A partir daí, apresentamos alguns recursos literários presentes no Evangelho de Lucas, enfocando especialmente a utilização de cenas-tipo na construção do enredo do texto. Pode-se dizer que a retórica narrativa de Lucas e, especialmente, o arranjo da cena-tipo ao redor do verbo *σπλαγχνίζομαι* ressaltam a finalidade teológica de certos recursos literários no Evangelho.

Palavras-chave: Evangelho de Lucas. Ciências da linguagem. Análise narrativa. Cena-tipo.

Abstract

The focus historically given to textual criticism and to historical analysis applied to the Bible has eclipsed a synchronic approach to the text, which has been recovered over the last decades, especially on the dialog between Bible and language sciences. The present article has as objective to present a brief bibliographic review about some methodological principles in narrative analysis as well as their uses in Brazilian Biblical exegesis. From this, we present some literary resources present in the Gospel of Luke, focusing mainly the use of type-scenes on building the plot of the text. It's possible to say that Luke's narrative rhetoric and, mainly, the arrangement of type-scenes around the verb *σπλαγχνίζομαι* emphasize the theological purpose of some literary resources in the Gospel.

Keywords: Gospel of Luke. Language Sciences. Narrative Analysis. Type-scene.

1. Introdução

A partir da segunda metade do século XVIII, a pesquisa bíblica recebeu uma série de contribuições a partir de dois braços metodológicos da diacronia: o criticismo literário e o historicismo. Estas abordagens, compreendidas em conjunto como o método “histórico-crítico”, iriam revolucionar o status de conhecimento vigente da exegese bíblica e se consolidariam até o final do século XX como uma das mais relevantes ferramentas para qualquer investigador da Bíblia. Este tipo de investigação espelhava-se nas ciências naturais, buscando explicar o fenômeno estabelecendo suas causas, focando na gênese do texto como acesso à intenção de seus autores (MARGUERAT; BOURQUIN, 2000, p. 21).

Ao longo do desenvolvimento do método histórico-crítico, traços literários passaram a ser considerados para a exegese, especialmente as características filológico-literárias e sintático-estilísticas, analisadas em função da reconstrução do texto, valorizando as partes em detrimento do todo. Esses mecanismos de análise foram integrando o que se consolidou como a “crítica da forma” no método histórico-crítico, sendo um desenvolvimento posterior deste em vista de uma abordagem mais

abrangente, que pudesse enxergar detalhes presentes no texto *em si* e não no processo de *composição* do texto. A busca por este tipo de crítica reflete um esgotamento teórico nos campos dos referenciais históricos ou filológicos de interpretação (ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 13), o que gerou a necessidade de repensar os métodos utilizados na exegese bíblica, abrindo espaço para novos caminhos de análise¹. É possível falar de uma atual transição paradigmática presente nos estudos bíblicos que, de alguma maneira, reflete uma lacuna deixada pelo método histórico-crítico referente à visão do todo dos textos, que é maior do que as partes. Destacamos nesse artigo os métodos sincrônicos ligados às ciências da linguagem, que buscam uma abordagem hermenêutica considerando a retórica narrativa presente nos relatos em sua forma final e o modo com que são ordenados em vista de guiar o leitor de maneira pragmática na construção do sentido dos textos.

Foi no final da década de 70 que, no campo da linguística, houve um interesse sobre a Bíblia em sua forma final, como uma obra literária. Rapidamente, a teologia passou a considerar os desenvolvimentos dos estudos no campo da linguística e da crítica literária em um movimento chamado *New criticism*, *Werkinterpretation*, *explication du texte* (SKA, 2000b, p. 129). Sem a intenção de negar ou abstrair a pesquisa histórica², especialmente diante do evidente caráter compósito de inúmeros materiais bíblicos, essas novas correntes impeliram os pesquisadores a uma visão sincrônica do texto, em vistas de discutir seu sentido a partir da forma final, como é apresentado pelo último redator ou revisor dos

1. Essas preocupações são bem ilustradas na análise de R. Kessler sobre as tendências hermenêuticas da leitura bíblica na Alemanha, quando questionou se a reconstrução da história da gênese de um texto é idêntica à compreensão do texto, ou seja, se a mensagem do texto bíblico é dada pelas teologias que participam de sua construção ou por sua forma final (KESSLER, 2009, p. 51). A partir dessas questões, Kessler demonstrou interesse em uma estreita combinação entre interpretação da Bíblia orientada pelo texto e pelo leitor, além de indicar que uma perspectiva narratológica é fundamental também para uma pesquisa interessada em questões históricas do texto (KESSLER, 2009, p. 52-53).

2. Esta é a postura, por exemplo, de clássicos autores que desenvolvem a análise bíblica a partir das ciências da linguagem, como R. Alter (2007) e M. Sternberg (1987).

livros. No bojo dessas investigações, está a análise narrativa, usada como metodologia para uma análise crítica da organização das narrativas bíblicas, ainda usada de maneira tímida no Brasil.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve revisão bibliográfica sobre alguns princípios metodológicos da análise narrativa, bem como sua utilização na exegese bíblica brasileira. A partir daí, apresentamos recursos literários presentes no Evangelho de Lucas, bem como uma aplicação concreta da análise narrativa no texto, enfocando especialmente o arranjo do enredo na forma de uma cena-tipo, o que é exemplificado com o tríplice emprego do verbo *σπλαγχνίζομαι* em Lucas.

2. A análise narrativa aplicada aos estudos bíblicos

A preocupação com a forma da organização das narrações bíblicas já se manifesta em um desenvolvimento ulterior do método histórico-crítico. Há autores que exploraram com grande precisão aspectos dos relatos, como Hermann Gunkel, em sua crítica da forma, ainda que com interesse na gênese de formas literárias no Antigo Testamento. Contudo, foi somente há algumas décadas que surgiu no mundo bíblico o emprego da *análise narrativa* ou *narratologia*. Nesse sentido, um texto considerado praticamente “fundante” é o de Robert Alter, professor de hebraico e literatura comparada na Universidade da Califórnia que, em 1981, publicou *The art of Biblical narrative*, propondo ser um guia inteligente para o estudo dos relatos bíblicos, no qual indicou o que chamava de uma descoberta inesperada: “a Bíblia tem muita coisa a ensinar a qualquer pessoa que se interesse por narrativa, pois sua arte – que parece simples, mas é maravilhosamente complexa – é um exemplo magnífico das grandes possibilidades da narrativa” (ALTER, 2007, p. 10).

O objeto de estudo da narratologia é o relato na integridade de sua forma final, reconhecendo um mundo com uma coerência própria a explorar, percebido a partir da análise do tempo da narração, relato, nar-

rador e leitor, foco e personagens (SKA, 2000a, *passim*). Este tipo de análise destaca no texto “[...] os pontos interrogativos, as lacunas e as elipses que interrompem o fio da narrativa. Além disso, e é o ponto essencial desse método, ela mostra como esses indícios são sinais dirigidos ao leitor. Cabe a ele responder a essas interrogações” (SKA, 2000b, p. 123). Essa resposta do leitor é fundamental para que a narrativa seja completada e é guiada pela organização do texto feita pelo autor a partir de modelos estilísticos e narrativos dependentes de sua época. “As narrativas dormem até o leitor vir despertá-las de seu sono” (SKA, 2000b, p. 124). Para Marguerat et al. (2005, p. 8), a pergunta fundamental da análise narrativa é: “que efeito o texto produz no receptor?”. Ela revela que o foco dessa análise, não está no elo vertical da representação, mas no horizontal (emissor-mensagem-receptor).

A análise narrativa não deve ser vista como um método absoluto, assim como nenhuma outra abordagem. É importante ressaltar que toda leitura tem sua busca própria e que as defesas acaloradas – e apologéticas – de um método em detrimento de outro(s), colocando em oposição sincronia e diacronia acabam por reduzir a capacidade de análise de um texto bíblico. Isso, porque não se pode desconsiderar nem que a Bíblia é um texto antigo, com múltiplos estratos redacionais (o que abre espaço para abordagens diacrônicas) e, ao mesmo tempo, que apresenta-se em sua forma final aos leitores de seu tempo e de hoje (investigada pela análise sincrônica). Analisar textos tão antigos a partir de traços contemporâneos das ciências da linguagem pode levar a uma supervalorização da autonomia do texto sem compreendê-lo em seu conjunto e independente de seu autor e de um bom entendimento sobre as circunstâncias em que foi escrito. Por isso, “[...] é o próprio estudo sincrônico que impõe a análise histórica dos textos, porque devem ser lidos e interpretados a partir de normas emergentes deles mesmos – normas, aliás, que remontam a uma cultura diferente da nossa” (SKA, 2000b, p. 124).

Também vale dizer que um olhar narrativo para a Bíblia tem sido continuamente valorizado nas instâncias teológicas, especialmente por

respeitar a natureza do material bíblico e por seu alcance. A Pontifícia Comissão Bíblica (1993, p. 53) diz que a análise narrativa “pode contribuir a tornar fácil a passagem, muitas vezes sofrida, entre o sentido do texto em seu contexto histórico – tal como o método histórico-crítico procura defini-lo – e o alcance do texto para o leitor de hoje”.

3. A análise narrativa e a pesquisa bíblica latino-americana

A análise narrativa não é um tema bastante familiar ao mundo latino-americano. Em 2001, J. L. Ska, J. P. Sonnet e A. Wénin publicaram um dos números da coleção *Cuadernos Bíblicos*, do Editorial Verbo Divino, focalizando o tema da análise narrativa de textos do Antigo Testamento. Lá, diziam que os recursos e a riqueza da leitura narrativa são pouco conhecidos pelos leitores hispânicos da Bíblia (SKA et al., 2001, p. 5). A afirmação dessa escola francófona não está desatualizada, uma vez que o tema da narratologia ainda não é frequente em periódicos e publicações especializadas sobre exegese bíblica na América Latina. Um exemplo ajuda a elucidar essa realidade: J. Ramírez (2011) apresentou uma aproximação narrativa a Jo 1,19–2,12 na revista *Theologica Xaveriana*, de grande destaque no cenário hispânico da América. Contudo, no decorrer do texto, a análise narrativa foi decorada com várias explicações sobre o método, esforçando-se por explicar ao leitor quais são os pressupostos narratológicos mais básicos com o qual o autor desenvolve sua pesquisa. Isso demonstra a preocupação com a baixa familiaridade dos leitores latinos com a ainda pouco explorada narratologia bíblica.

Em 2006, foi realizado em Goiânia o I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica, de caráter ecumênico, no qual autores reconhecidos nacionalmente apresentaram o panorama da pesquisa bíblica e das novas hermenêuticas que eram desenvolvidas no Brasil. J. Zabatiero, avaliando o mundo evangelical, descreveu experiências metodológicas e teóricas a partir dos campos das ciências da linguagem feitas em diversas

instituições do país. O autor elencou a aplicação de referenciais teóricos nas pesquisas brasileiras, indicando a existência de textos abordando ciências da linguagem e teologia, a partir da teoria literária crítica de W. Benjamin de análise do discursos e fenomenologia da religião, a semiótica greimasiana e teorias linguísticas e filosóficas da ação (ZABATIERO, 2006, p. 73), contudo, sem referências à narratologia. Pode-se afirmar que, atualmente, é um desafio para a exegese bíblica no Brasil oferecer um trabalho intensivo e sistemático de grande porte em busca de uma compreensão da Bíblia por meio da análise narrativa.

Por fim, vale notar que, na marca da pesquisa bíblica feita na América Latina está a busca pelas hermenêuticas bíblicas desde contextos dos mais variados (SCHWANTES, 2006, p. 11-32). Tanto em realidades mais populares quanto no desenvolvimento acadêmico de uma teologia pública, uma hermenêutica bíblica indígena, afro, feminista, além da ótica da leitura popular, certamente são beneficiadas por uma análise sincrônica da Bíblia. Os aportes narrativos sem dúvida são uma base fundamental para o trabalho pastoral, estando na raiz de comentários litúrgicos e roteiros homiléticos, esquemas para grupos de reflexão, formação de agentes pastorais, catequistas, entre tantos outros reflexos pastorais concretos.

4. A narratologia e o Evangelho de Lucas

Os evangelhos constituem o centro hermenêutico que dá sentido para as Escrituras dentro do mundo cristão, uma vez que o acontecimento Jesus Cristo, assim como visto e interpretado pelos evangelistas, dá os fundamentos para a interpretação teológica da Bíblia. Disso, vem a necessidade de explorar o texto dos evangelhos a partir dos recentes avanços nas ciências literárias. Além do mais, os evangelhos constituem grandes obras narrativas, com um mundo a explorar. São poucos os comentários sincrônicos e menos numerosos ainda, os narrativos, sobre o texto, sendo em grande parte desenvolvidos a partir do mundo

européu ou estadunidense (p. ex. RHOADS et al., 2002; GREEN, 1997; MEYNET, 1994), consolidando-se como um campo de estudo fértil e necessário para a pesquisa latino-americana.

A análise narrativa dos textos dos evangelhos sinóticos tem seu valor fundamental ao auxiliar o pesquisador a construir um panorama mais aprofundado da retórica narrativa que utilizam os redatores finais para guiar o leitor na construção do sentido do texto. Isso vale particularmente para o Evangelho de Lucas, cuja forma final apresenta grandes marcas de uma fina habilidade literária. Algum esforço já foi feito para uma compreensão sincrônica do terceiro Evangelho, especialmente no mundo europeu e estadunidense. R. Meynet (1994) inovou ao propor um amplo estudo do Evangelho de Lucas a partir da análise retórica, buscando estabelecer a disposição simétrica e a estética dos relatos. J. Green (1997) publicou seu comentário do Evangelho de Lucas, no qual valoriza a forma com que os óbvios interesses próprios do autor dirigem a narrativa do começo ao fim (incluindo Atos) e como o texto evangélico deve ser lido sem referências cruzadas a Mateus e Marcos. J. Aletti (1991) buscou identificar de que modo emerge e se desenvolve a cristologia na obra de Lucas, verificando como Jesus foi apresentado pelo narrador e pelos personagens que surgem nos textos. Contudo, a pesquisa latino-americana sobre os aspectos narrativos do Evangelho de Lucas ainda é tímida, sendo poucos os textos já publicados nesse sentido (p. ex. CATENASSI et al., 2004; PERONDI, 2014, 2015).

5. A habilidade literária no Evangelho de Lucas

O autor do terceiro Evangelho escreve com grande senso artístico, talento e habilidade, demonstrando na estrutura dos discursos relatados conhecimento das construções retóricas tipicamente gregas. Seu grego é um dos mais apurados do Novo Testamento; exprime-se corretamente, com poucas repetições e redundâncias. Sempre que possível, evita o uso de termos hebraicos e aramaicos, embora use muito bem alguns

aramaísmos, hebraísmos e semitismos. Craddock (2002, p. 16) destaca que a maestria artística de Lucas já foi reconhecida desde os tempos de Jerônimo, que o indicou como o autor literariamente mais dotado entre os evangelistas.

5.1 Um projeto literário amplo: a obra conjunta de Lucas-Atos

O autor do Evangelho de Lucas é o único dos quatro evangelistas que, além de escrever o Evangelho, teve a sua obra continuada em outro livro, os Atos dos Apóstolos. No primeiro livro, ele narra a mensagem de Jesus Cristo e, no segundo, procura demonstrar como essa mensagem se concretizou e se expandiu pelo mundo afora. A dúplice obra lucana forma um único projeto literário. Isso fica evidente quando se olha com atenção o esquema geográfico-teológico dos dois livros, que centra-se na cidade de Jerusalém, mas com diferenças que indicam a progressão do projeto lucano. No Evangelho, Jesus caminha para Jerusalém (9,51); nos Atos, a Palavra de Deus parte de Jerusalém para ir aos confins do mundo (At 1,8).

Há também indicadores estilístico-linguísticos que atestam a homogeneidade de Lucas-Atos: o *vocabulário comum* (108 dos 143 termos empregados mais de quatro vezes no Evangelho aparecem em Atos); a *linguagem específica*, que não aparece no Novo Testamento (130 palavras ou locuções próprias); as *particularidades estilísticas* (verbos com prefixo, participio com um artigo neutro, uso de τὸ + infinitivo com sentido final, participio no início da frase, etc.); frases de Lucas presentes em Atos (Lucas 12,14 e At 7,27; Lc 24,19; At 7,22; Lc 15,20 e At 20,37, etc.) (MARGUERAT, 2009, p. 109). O autor ainda afirma que os *logia* de Jesus também foram transferidos dos evangelhos para Atos, como a crítica de Jesus contra o Templo, suprimida no comparecimento de Jesus diante do Sinédrio (Lc 22,67-71; cf. Mc 14,58) e presente no processo de Estêvão (At 7,14). Isso deixa entender que havia um planejamento de

uma obra maior que os evangelhos.

5.2 Estilo e gênero literário do Evangelho de Lucas

O Evangelho de Lucas é o mais longo dos quatro evangelhos. Embora o Evangelho de Mateus contenha 28 capítulos contra 24 de Lucas, este é maior em número de versículos; Lucas contém 19.404 palavras contra 18.278 de Mateus (MONASTÉRIO; CARMONA, 2000, p. 273; FAUSTI; CANELLA, 2009, p. 11) e é também o livro mais longo de todo o Novo Testamento. Segundo Marguerat, seu estilo é mais elaborado que o de Marcos e o de Mateus e deixa perceber um cuidado particular do autor na sua composição (2009, p. 110). O autor de Lucas escreve com grande senso artístico, talento e habilidade, demonstrando na estrutura dos discursos relatados conhecimento da retórica grega. Demonstra ser instruído e conhecedor das Escrituras em sua versão grega, língua que dominava bem, o que pode ser constatado nas vezes em que utiliza passagens do Antigo Testamento.

A redação de Lucas é feita com liberdade diante das fontes disponíveis e, com isso, torna extremamente difícil o trabalho da crítica literária, sobretudo quando não há um modelo anterior para comparação e, por isso, não se pode supor uma tradição pré-lucana. O autor do Evangelho imprime um forte estilo próprio em seus escritos, demonstrando sua grande habilidade como escritor. Já no prólogo (1,2-3), indicou de forma clara que criou seu relato após uma acurada pesquisa, partindo daqueles que foram testemunhas oculares e ministros da palavra, o que torna pertinente a afirmação de Harbarth:

E criar não significa a invenção arbitrária de histórias, mas a geração consciente e responsável de um texto literário, criação esta ocasionada pela confrontação da mensagem do Cristo com as preocupações e necessidades da 'comunidade lucana', na qual a forma oral de tal texto também fosse fortemente marcada por elementos da tradição (HARBARTH, 1977, p. 14).

O grego do Evangelho de Lucas é considerado o mais sofisticado do Novo Testamento, junto ao utilizado na Carta aos Hebreus. Sua obra é redigida a partir do grego *koiné*, o qual é utilizado de forma superior ao uso vulgar do povo, mas não chegando a construir um texto classicista (MONASTÉRIO; CARMONA, 2000, p. 274), justapondo textos em estilo mais clássico e outros mais simples. Em muitas ocasiões, seu estilo lembra a Septuaginta. Bovon afirma que Lucas opta por redigir em uma linguagem mais literária, próxima da prosa clássica, escolhendo as palavras e dando cadência a elas, mas em poucos casos. Usualmente, usa a linguagem comum da bacia mediterrânea oriental do século I (BOVON, 1985, p. 212). Esta variação no estilo pode indicar muito mais a habilidade do autor que a provável existência de mais de uma fonte no texto (BOVON, 1985, p. 213).

Desde o prólogo, com dedicação a Teófilo (Lc 1,1-4), Lucas apresenta o desejo de inserir seu escrito na literatura helênica de qualidade (MARGUERAT, 2009, p. 110). Lucas quer familiarizar os seus leitores com a prospectiva histórica da narração dos evangelhos, diante do qual, segundo Ernst (1997, p. 10), “não é casual que Lucas fale de ‘narração’ (διήγησις) renunciando ao conceito marcano de ‘evangelho’ (Mc 1,1)”. Neste sentido, o termo διήγησις (“narração”), usado no prólogo (1,1), já indica que existe um projeto literário associado às regras da historiografia antiga (MARGUERAT, 2009, p. 110; HARBARTH, 1977, p. 10). Embora tenham surgido afirmações de que os versículos iniciais (1,1-4) formassem um paralelo com escritos dos historiadores clássicos gregos (Galeno, Hipócrates, Dioscórides, Heródoto, Tucídides) e com os tratados ou manuais médicos e científicos helênicos (BROWN, 2004, p. 328), esta opinião é relativa e não encontra grande oposição, tornando-se uma questão irrelevante (FITZMYER, 1981, p. 100).

Monastério e Carmona apresentam os seguintes recursos estilísticos dos semitas e gregos usados pelo autor: relatos-tipo, personificações, prólogos, cartas, orações, metáforas, o estilo direto dos discursos, os sumários e os coros, oferecendo também elementos psicológicos que

evocam a presença do divino (2000, p. 277). Marguerat apresenta quatro procedimentos estruturais que fundamentam a construção da narrativa lucana (2009, p. 119-121):

- a) *O papel programático*: algumas perícopes recebem um papel programático para a sequência da narração, marcando o relato com pontos de referência que balizam a leitura e orientam o leitor, como a pregação e Jesus em Nazaré (4,16-30);
- b) *A simetria*: esse tipo de construção é típico de Lucas, como na história do nascimento de Jesus e João Batista, comportando duas anúncios (1,5-2,5; 1,26-56), nascimentos (1,57-58; 2,1-20), circuncisões e nomeações (1,59-66; 2,21), ações de graça (1,67-79; 2,22-39), notícias de crescimento (1,80; 2,40). A simetria acentua a continuidade de Jesus com relação à história de Israel e sua superioridade;
- c) *A contextualização*: acompanhando Jesus na caminhada (cf. 9,51), com valor interpretativo, não documentário, aproximando-o dos filósofos antigos, tipicamente mestres itinerantes e seu caminho de sofrimento e Paixão em Jerusalém, terminando com sua exaltação;
- d) *O fio temático*: são inseridos para extrair um efeito de sentido, ligando várias perícopes, como por exemplo, com a genealogia de Jesus (2,23-28), que reata a filiação divina proclamada no batismo (3,22), atestada na genealogia (3,38) e posta à prova nas tentações (4,3.9).

Outro aspecto sobre o estilo de Lucas ao compor suas narrativas, que começa a ser estudado e ainda necessita de maiores avanços, é quanto ao uso de técnicas literárias numéricas, distribuindo simetricamente formas e tempos verbais e expressões dentro do seu relato (MENKEN, 1988, p. 107-114). Segundo esta análise, os verbos seriam cuidadosamente colocados no texto, em estruturas complexas que valorizam a posição do termo central, que ocuparia uma posição estratégica dentro dos relatos, às vezes funcionando como um *turning point*, isto é,

um “ponto de mudança” nos episódios narrados, no qual a trama seguiria um novo rumo e o drama seria direcionado ao seu desfecho e à sua conclusão.

Lucas se apropria do gênero literário de Marcos (MONASTÉRIO; CARMONA, 2000, p. 110), o da *história teológica*, acentuando a dimensão biográfica por meio das narrativas da infância (Lc 1,5–2,39) e da juventude (2,40–52), dos marcos cronológicos do império romano (2,1; 3,1; 23,12) e pela ascensão, que marca o fim das aparições pascais. Ele se utiliza da forma típica das biografias antigas de apresentação das *Vidas* de filósofos, apresentando desde o nascimento do herói até a separação dos seus (MARGUERAT, 2009, p. 110). Entretanto, a intenção de Lucas não é uma pura apresentação de um homem; ao contrário, ele se aproxima no conteúdo de seu Evangelho mais das narrativas dos livros históricos do Antigo Testamento, que pretendem mais convencer que informar. Ele não se contenta em ser apenas um historiador, mas alguém que quer satisfazer o interesse histórico de algo interessante sobre um passado recente que foi o evento Jesus Cristo, de quem quer transmitir e atualizar a sua mensagem aos seus leitores. Em suma, Lucas “quer narrar a realização de um projeto divino que, todavia, segue atuando no presente do leitor e caminha até sua plena realização no futuro” (MONASTÉRIO; CARMONA, 2000, p. 291).

5.3. Lucas e as Sagradas Escrituras

O autor do Evangelho de Lucas conhece e utiliza muito bem as Sagradas Escrituras hebraicas, o Antigo Testamento, a quem atribui um caráter fundante (ERNST, 1997, p. 330-335). Lucas interpreta e usa amplamente o Antigo Testamento como base para os dois cânticos presentes no seu evangelho da infância, o Magnificat (Lc 1,46-55) e o Benedictus (1,68-79). Essa técnica também está presente em Lc 3,4-6; 4,10-12; 4,16-19, entre outras passagens. No caminho de Emaús, Lucas informa que Jesus, “começando por Moisés e percorrendo todos

os profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito” (24,27). É como se elas lançassem luzes para entender o Novo Testamento que estava sendo gestado, transformando seu texto em uma chave hermenêutica para as escrituras judaicas.

O Evangelho de Lucas faz um uso do Antigo Testamento para além de citações textuais diretas, uma vez que utiliza as Escrituras também em modo indireto ou alusivo. Outras vezes o faz interpretando textos do Antigo Testamento com claras alusões a palavras-chave, expressões ou até mesmo versículos inteiros, como no Cântico de Maria (1,46-55; cf. o cântico de Ana em 1Sm 2,1-10); Jesus no Templo (2,41-50) corresponde ao jovem Samuel de 1Sm 2-3; a reanimação do filho da viúva de Naim tem paralelo com o episódio de 1Rs 17,17-24, etc. Dessa forma, resgata na memória religiosa de seus leitores judaicos exemplos paradigmáticos de suas narrações. Diferente de Mateus, que cita o Antigo Testamento para confirmar suas afirmações (p. ex., Mt 1,22; 2,5; 26,54), Lucas utiliza passagens ou personagens do Antigo Testamento como modelos que inspiram sua forma de narrar, como por exemplo: Samuel, Moisés, Davi, Elias, Jonas e outros, porém como afirma Craddock: “em nenhum momento a verdade ou a autoridade da sua mensagem se baseia nos relatos precedentes. Em outras palavras, o Evangelho de Lucas se rege por si mesmo, independente se o leitor reconheça ou não os paralelos antecedentes... (2002, p. 59). O autor segue informando que a intenção é de que “a mensagem, mesmo nova, venha reconhecida pelos leitores. Os leitores se ‘apropriam’ quase imediatamente daquilo que é dito. Lucas aqui estaria buscando instruir-nos seja sobre o método seja sobre o conteúdo” (2002, p. 59).

6. O uso da cena-tipo em Lucas: o caso de σπλαγχνίζομαι

Para a narratologia, um dos elementos constitutivos do relato, que determinam a existência ou não de uma narração – e, por conseguinte, sendo fundamentais para sua compreensão – é o enredo (também

conhecido por “intriga” e, na linguagem aristotélica, *mythos*), ou seja, “o desenvolvimento da ação que parte de um estado inicial e depois, mediante tensões sucessivas, chega à sua resolução” (ALETTI, 2007, p. 85). Marguerat e Bourquin ensinam que o enredo é o coração da narrativa, porque determina a estrutura da história, uma vez que uma diferença fundamental entre a não narrativa e a narrativa é a relação de causa e efeito que é estabelecida pelo discurso. É a análise do liame de consequência que conecta as ações que nos permite aprofundar o conhecimento sobre a articulação da retórica narrativa adotada pelo autor (2009, p. 55).

O estudo dos enredos das perícopes de Lucas revela um arranjo preciso do material, inclusive, à luz da literatura judaica. Monastério e Carmona (2000, p. 277) dizem que Lucas conhece “os recursos estilísticos dos semitas e dos helenistas e domina as técnicas que ajudam na apresentação viva dos materiais, como as que facilitam sua adequada composição. Quanto ao primeiro, emprega relatos-tipo”. O que os autores chamam de “relatos-tipo” é um recurso estrutural do enredo geralmente mais conhecido como “cenas-tipo”. O termo original em inglês é *type-scenes*. Algumas traduções de obras em português preferem trazer “cenas típicas” ou “cenas-padrão” (SKA, 2000a, p. 139-140; ALTER, 2007, p. 79-101). Trata-se de um termo derivado dos estudos da literatura homérica, referindo-se a cenas construídas seguindo “tipos” ou “convenções literárias” conscientes (ALTER, 2007, p. 84).

As cenas-tipo são passagens que contém certo número de elementos ou situações predeterminadas, em uma ordem fixa de tópicos, reconhecíveis em todos os relatos que os utilizam (SKA, 2000a, p. 139; ALTER, 2007, p. 84). Contudo, não seguem um padrão cristalizado de construção, mantendo certa flexibilidade e variações com relação ao esquema e ordem que, justamente, evidenciam as intenções do relato (SKA, 2000a, p. 139). Estas cenas não são feitas por um hedonismo estruturalista ou para canonizar certa estrutura formal e sim “um meio de ligar esse episódio a um padrão de significado histórico e teológico

maior” (ALTER, 2007, p. 97). Segundo Ska, como regra geral, deve-se considerar uma cena-tipo quando há um mesmo esquema presente em mais de dois textos, bíblicos ou extra-bíblicos (SKA, 2000a, p. 140).

Monastério e Carmona (2000, p. 277) apresentam uma lista de citações que usam cenas-tipo no Evangelho de Lucas: Lc 4,16-30; 5,1-11; 9,51-55; At 2. A lista não é acompanhada de uma análise dos textos ou maiores explicações. Pode-se, de fato, considerar a pesca milagrosa de Lc 5,1-11 como uma cena-tipo, à luz de sua ocorrência em Jo 21,1-14, porém, não sem ressalvas: até que ponto trata-se de uma convenção literária típica ou os textos paralelos são somente variações de uma única história presente na pregação oral ou tradições anteriores? As outras ocorrências citadas (Lc 4,16-30; 9,51-55) não são diretamente reconhecíveis como padrões estruturais típicos. Isso torna possível questionar se, de fato, podemos encontrar esses arranjos no terceiro evangelho.

Em uma análise inicial, é possível dizer que sim. Já vimos que Lucas usa o Antigo Testamento de forma paradigmática, com a intenção de produzir determinados efeitos em seu leitor. Ao mesmo tempo, também se apropria de formas padronizadas de contar, já presentes nas escrituras judaicas. Nos livros dos Reis, é possível perceber um relato paralelo, ligado à reanimação de um filho único, protagonizada por dois profetas: Elias e Eliseu. O primeiro acontece em Sarepta, quando Elias reanima o filho único de uma viúva que vivia na cidade (1Rs 17,17-24). Em 2Rs 4,8-37, encontra-se a história da visita de Eliseu a casa de uma mulher em Sunan, sem filhos e com marido idoso. A sunamita foi presenteada com um filho por uma benção do profeta, mas que faleceu e foi reanimado por Eliseu.

O autor do Evangelho de Lucas provavelmente tem esses dois relatos em mente quando constrói a narração da reanimação do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17). O texto apresenta um episódio de milagre de Jesus que, entrando em Naim, encontra-se com um cortejo fúnebre que levava o filho único de uma mãe viúva para ser enterrado. Ao ver a mu-

lher, Jesus é movido de compaixão e realiza o milagre com uma ordem para que o menino volte à vida (Lc 3,14). No enredo, pode-se perceber pontos em comum com os textos citados dos livros dos Reis, aproximando a experiência taumatúrgica de Jesus com o maior modelo profético do Antigo Testamento, Elias, e seu discípulo, Eliseu.

Porém, mais que ser inspirado por modelos de enredo já presentes nas Escrituras judaicas, nesse mesmo relato de Lc 7,11-17, é possível encontrar uma construção de uma cena-tipo feita pelo redator do terceiro Evangelho. Ao redor do ponto de mudança da trama, o “mover-se de compaixão” (representado pelo verbo grego *σπλαγχνίζομαι*, Lc 7,13), há motivos e ações que se repetem em outras duas perícopes exclusivas de Lucas: a parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37) e a parábola do “filho pródigo” (Lc 15,11-32). Nesses três episódios, nota-se a ocorrência paralela de diferentes elementos, que são organizados inclusive em uma ordem semelhante (PERONDI, 2015, p. 227-256), como indicado a seguir:

- a) Um conflito é iniciado envolvendo uma situação no campo semântico da morte, expressa pelos termos *τεθνηκώς* (7,12); *ἡμιθανῆ* (10,30) e *ἀπόλλυμαι* (15,17) e *nekro.j* (15,24.32);
- b) O protagonista “vê” a situação, o que é sempre expresso pelo verbo *ὄραω* (7,13; 10,33 e 15,20);
- c) O protagonista é movido de compaixão, o que é retratado sempre com o verbo *σπλαγχνίζομαι* (7,13; 10,33 e 15,20), aparecendo no Evangelho de Lucas somente nessas três situações;
- d) O protagonista aproxima-se da situação dramática de morte, o que é indicado pelas expressões verbais *προσελθών* (7,14; 10,34) e *δραμῶν* (15,20);
- e) Há uma série de ações concretas para mudar a situação da morte em vida: Jesus pede à mãe que cesse o choro, toca o esquife, ordena

ao jovem que se levante (7,13-14); o samaritano cuida das chagas, derrama óleo e vinho, coloca o homem sobre seu animal, conduz o mesmo à hospedaria, recomenda os cuidados, paga as despesas (10,34-35); o pai corre, lança-se ao pescoço do filho, cobre-o de beijos, restitui a dignidade do filho dando-lhe nova veste, anel e sandálias, providencia comida e festa (15,20-23).

Assim, orbitando ao redor do verbo *σπλαγγνίζομαι*, que por sua vez, está sempre localizado no ponto de mudança dos três relatos, estão elementos léxicos e semânticos semelhantes, estabelecendo, conseqüentemente, uma relação de intertextualidade léxica e semântica entre as perícopes. Essa relação, de acordo com os critérios de Markl (2004, p. 100), acontece em nível máximo, uma vez que atende às seguintes condições: pouca ocorrência destes elementos comuns no conjunto da Bíblia, alto número de elementos linguísticos entre os três textos e a ocorrência de uma expressão exclusiva para estas perícopes. Os elementos em comum entre estas três perícopes (Lc 7,11-17; 10,29-37; 15,11-32), estabelecendo uma intertextualidade em nível alto e sendo apresentados em uma mesma ordem, permitem que as compreendamos e interpretemos em conjunto como uma cena-tipo construída pelo autor do Evangelho de Lucas.

Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi indicar a importância da utilização da análise narrativa no estudo dos textos bíblicos, especificamente, no Evangelho de Lucas. Valorizamos que a narratividade dos textos bíblicos é um tema que carece de atenção em nossa realidade, sendo pouco corrente na exegese brasileira. A origem dos métodos e abordagens sincrônicas aplicadas à Bíblia remetem a certo esgotamento no método histórico-crítico e sua utilização na exegese mostra um caminho de importante ampliação do panorama metodológico da hermenêutica bíblica, além de representar um fundamental diálogo da teologia com as ciências

humanas – no caso, da análise exegética e teológica da Bíblia, com as ciências da linguagem.

O acento prático desse artigo foi dado aos recursos estilístico-narrativos do autor do Evangelho de Lucas, que também organizou o texto dos Atos dos Apóstolos como a segunda parte de um díptico, dentro de um projeto literário amplo e bem organizado. É possível perceber no Evangelho o uso de recursos da literatura grega clássica do tempo de sua construção, bem como um esforço estilístico apurado na forma com que lida com suas fontes, incluindo motivos e padrões estruturais de textos judaicos veterotestamentários.

É possível dizer que parte da habilidade literária de Lucas é bem identificada na forma com que emprega as cenas-tipo, o que fica evidente na construção do episódio da reanimação do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) à luz da ação taumatúrgica de Elias para com a viúva de Sarepta (1Rs 17,17-24) e de Eliseu, no episódio com o filho da sunamita (2Rs 4,8-37). Para além do resgate de modelos de enredo já correntes entre o judaísmo de seu tempo, o autor de Lucas mostra fineza estilística na construção da cena-tipo ao redor do verbo *σπλαγγνίζομαι*. Notamos nas três perícopes em que esse verbo ocorre (7,11-17; 10,29-37; 15,11-32) uma elegante repetição de expressões e motivos que reafirmam a centralidade da ação compassiva como marca transformadora do Reino de Deus.

Teologicamente, Lucas resgata a importância da compaixão para com os que mais sofrem, elemento característico do Antigo Testamento para retratar o próprio Deus (como em Ex 34,5-6) e muito frequente na pregação profética, que insiste na misericórdia e compaixão divinas colocadas em movimento como atitudes em favor dos desamparados. Dessa forma, percebe-se como a forma está em função do conteúdo no Evangelho de Lucas. Essa característica já era sinalizada no prólogo, que informa o leitor de que a *διήγησιν* que tem em mãos responde a uma finalidade teológica, verificar a solidez dos ensinamentos recebidos (Lc

1,4). Esse contrato selado entre o narrador e o leitor lançará ecos na organização da retórica narrativa de todo texto, e está especialmente presente na construção da cena-tipo ao redor de *σπλαγχνίζομαι*, a qual ressalta a compaixão como um dos temas teológicos fundamentais que devem dar solidez à prática cristã.

Referências

- ALETTI, J. N. *L'arte di narrare Gesù Cristo: la scrittura narrativa di Luca*. Brescia: Queriniana, 1991.
- ALETTI, J. N. et al. *Vocabulario razonado de la exégesis bíblica: los términos, las aproximaciones, los autores*. Estella: Verbo Divino, 2007.
- ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- BOVON, F. *Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos*. In: AUNEAU, J.; BOVON, F.; GOURGUES, M.; CHARPENTIER, E.; RADEMAKERS, J. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1985: 201-298.
- BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CATENASSI, F. Z.; PERONDI, I.; ARTUSO, V. *El malhechor arrepentido como ápice de la pasión: Lc 23,39-42 a la luz de la teología lucana*. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, vol. 64, n. 178, 2014: 545-567. <http://theologicaxaveriana.javeriana.edu.co/descargas.php?archivo=8.Zandonadi,PerondiyArtuso.pdf&idArt=1320&edicion=178>
- CRADDOCK, F. B. *Luca*. Torino: Claudiana, 2002.
- ERNST, J. *Il Vangelo secondo Luca*. Brescia: Morcelliana, 1997.
- FAUSTI, S.; CANELLA, V. *Alla scuola di Luca. Un vangelo da rileggere, ascoltare, pregare e condividere*. Roma: Ancora, 2009.
- FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas. I. Introducción general*. Madrid: Cristiandad, 1981.
- GREEN, J. B. *The gospel of Luke*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.
- HARBARTH A. "Gott hat sein volk Heimgesucht": Eine form und redaktionsgeschichtliche untersuchung zu Lk 7,11-17": "Die erweckung des jünglings von Nain". Tese (Doutorado). Fribourg: Universidade de Fribourg, Fribourg, 1977.
- KESSLER, R. *Tendências hermenêuticas na leitura da Bíblia na Alemanha*. In: REIMER, H.; SILVA, V. (Org.). *Hermenêuticas bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos, 2006: p. 51-59.

- MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. Como leer los relatos bíblicos: iniciación al análisis narrativo. Cantabria: Sal Terrae: 2000.
- MARGUERAT, D.; WÉNIN, A.; ESCAFFRE, B. En torno a los relatos bíblicos. Navarra: Verbo Divino, 2005.
- MARGUERAT, D. O evangelho segundo Lucas. In: MARGUERAT, D. (Org.). Novo Testamento: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2009: 107-135.
- MARKL, D. Hab 3 in intertextueller und kontextueller Sicht. Biblica, Roma, vol. 85, n. 1, 2004: 100-108. http://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=3194406&journal_code=BIB
- MENKEN, M. J. J. The position of ΣΠΛΑΓΧΝΙΖΕΣΘΑΙ and ΣΠΛΑΓΧΝΑ in the gospel of Luke. Novum Testamentum, Leiden, vol. 30, n. 2, 1988: 107-114. <http://booksandjournals.brillonline.com/content/journal-10.1163/156853688x00190>
- MEYNET, R. Il Vangelo secondo Luca: analisi retorica. Roma: EDB, 1994.
- MONASTÉRIO, R. A.; CARMONA, A. R. Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos. São Paulo: Ave-Maria, 2000.
- PERONDI, I. A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc 7,11-17): o emprego do verbo σπλαγχνίζομαι na perícopie e no Evangelho de Lucas. Tese (Doutorado em Teologia Bíblica). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.
- PERONDI, I. Presenças do verbo mover-se de compaixão (σπλαγχνίζομαι) nos evangelhos sinóticos. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, vol. 46, 2014: 162-173. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23358/23358.PDFXXvmj=>
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. A Interpretação da Bíblia na Igreja. São Paulo: Paulinas, 2002.
- RHOADS, D.; DEWEY, J.; MICHIE, D. Marcos como relato: introducción a la narrativa de un evangelio. Sígueme: Salamanca, 2002.
- SCHWANTES, M. Anotações sobre novos começos na leitura bíblica: releituras bíblicas dos anos cinquenta, sessenta e setenta na América Latina. In: REIMER, H.; SILVA, V. (Org.). Hermenêuticas bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo: Oikos, 2006: 11-32.
- SKA, J. L. "Our Fathers have told us": introduction to the analysis of Hebrew narratives. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2000a.

- SKA, J. L. Sincronia: a análise narrativa. In: SIMIAN-YOFRE, H. (Org.). Metodologia do Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2000b, p. 123-147.
- SKA, J. L.; SONNET, J. P.; WÉNIN, A. Análisis narrativo de relatos del Antiguo Testamento. Estella: Verbo Divino, 2001.
- STERNBERG, M. The poetics of Biblical narrative: Ideological literature and the drama of reading. Bloomington: Indiana University, 1987.
- ZABATIERO, J. P. T. Hermenêuticas da Bíblia no mundo evangelical. In: REIMER, H.; SILVA, V. Org.). Hermenêuticas bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo: Oikos, 2006: 73.
- ZABATIERO, J. P. T.; LEONEL, J. Bíblia, literatura e linguagem. São Paulo: Paulus, 2011.